



Sessão Coordenada 20 - **DIFERENTES DESCRIÇÕES DA SUBJETIVIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA**

A CONCEPÇÃO DE EU NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE HUSSERL. *Sávio Passafaro Peres (Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP)*

Em 1901, na primeira edição de *Investigações Lógicas*, Husserl possui um conceito não-egológico de subjetividade, adotando uma concepção de eu muito próxima da de Hume. No início da quinta *Investigação Lógica*, Husserl apresenta três conceitos de consciência. Primeiro, consciência como autoconsciência. Ou seja, toda vivência intencional, embora seja consciente de um objeto, é também consciente de si mesma. Segundo, consciência como vivência intencional, ou seja, consciência entendida como consciência de um objeto ou objetividade transcendente. Diz respeito aos casos em que a consciência visa (*meinen*) algo, direcionando-se, em vista de um sentido, a algo exterior ao próprio fluxo de consciência. Em terceiro lugar, temos a consciência como a totalidade do fluxo de vivências. Este último conceito envolve o aspecto temporal da consciência, pois apesar de cada vivência ter uma duração determinada, o fluxo permanece como dotado de uma unidade, ou seja, cada vivência, embora transitória, pertence ao mesmo fluxo. Este terceiro conceito é identificado, em 1901, com o eu fenomenológico. Alguns anos depois da publicação de *Investigações Lógicas*, Husserl muda sua concepção e passa a defender uma concepção egológica da consciência, de acordo com a qual o “eu” não pode ser identificado com o fluxo de vivências. Em 1913, Husserl buscará estabelecer em *Ideias I* a relação entre a consciência e o eu puro. Em *Ideias II*, Husserl busca, a fim de evitar ambiguidades, distinguir várias concepções de eu. Nesta obra, ele se refere ao eu puro, ao eu como substrato das convicções, ao eu-alma e ao eu-homem. Nosso objetivo é mostrar como essas distinções podem oferecer valiosas contribuições epistemológicas para a psicologia.

Fenomenologia, eu, Edmund Husserl, consciência

FAPESP

Pós-Doutorado - PD

HIST - História em Psicologia

O PROBLEMA DA LINGUAGEM PSICOLÓGICA E O FLUXO DE CONSCIÊNCIA NO PENSAMENTO DE WILLIAM JAMES. Rayssa Maluf de Souza** (*Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG*); Saulo de Freitas Araujo (*Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG*)

A linguagem constitui uma ferramenta importante para o ser humano e suas relações sociais, uma vez que, em linhas gerais, ela representa uma relação entre o signo linguístico e seu objeto (qualquer que seja), e por isso possibilita ao homem conhecer o mundo e comunicar-se com outras pessoas. Dentro da psicologia, a linguagem também possui um papel importante, sendo o objeto de distintos estudos, como, por exemplo, a relação entre pensamento e linguagem. Entretanto, observamos que na história da psicologia, encontram-se muitas discussões sobre a legitimidade de tais investigações e sobre a possibilidade de compreender o pensamento através da linguagem. Uma das figuras de destaque que participou dessa discussão, tanto no âmbito filosófico quanto no psicológico, foi o filósofo e psicólogo norte-americano William James (1842-1910). James debateu tanto a questão da possibilidade da representatividade quanto as dificuldades de um vocabulário apropriado para a ciência psicológica, diferente do senso comum. O presente trabalho tem como objetivo compreender um dos âmbitos da discussão sobre o problema da linguagem em James, mais especificamente as dificuldades relacionadas à descrição e à compreensão da consciência. Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, foi feita uma análise textual do artigo *On Some Omissions of Introjective Psychology* (1884) e do capítulo IX (*The Stream of Thought*) do livro *The Principles of Psychology* (1890). A pesquisa utilizou como fonte primária a Edição Crítica das obras reunidas de James (*The Works of William James*) – editada pela Harvard University Press. Após a análise, observamos que para compreender as dificuldades linguísticas relacionadas à descrição e à compreensão da consciência, é necessário primeiramente compreender o que James denomina consciência. Para o autor, a consciência é como um fluxo, um contínuo de pensamento que possui ritmos diferentes em suas partes distintas. De acordo com James, uma metáfora útil para compreender nossa vida mental seria a vida dos pássaros, constituindo-se de uma alternância entre voos e pousos. Os momentos de pouso seriam ocupados por imaginações sensoriais de algum tipo, onde podemos conservá-las na mente por um tempo indefinido; já os momentos de voo seriam preenchidos com pensamentos de relações, que em sua maioria surgem dos assuntos contemplados nos períodos de relativa pausa. Os primeiros momentos são chamados por James de “partes substantivas”, enquanto os segundos, de “partes transitivas” do fluxo de pensamento. O ritmo da linguagem expressa tal fluxo, onde todo pensamento é expresso em uma sentença e toda sentença é finalizada por um período. Levando-se em consideração a dinâmica do fluxo, percebemos que as partes transitivas são de difícil captura, pois a percepção humana tende a desconsiderar tais partes e apreender apenas as partes substantivas. Dessa forma, quando tentamos relatá-las, encontramos a primeira dificuldade linguística, pois não conseguimos registrar o fluxo por completo e dar-lhe a devida ênfase. Acabamos por conseguir descrever apenas as partes substantivas. Outro problema apontado por James refere-se ao fato de os fenômenos da consciência serem inumeráveis, de forma que nossa linguagem finita e limitada não faz jus a essa multiplicidade quando se trata de descrever a consciência. Além disso, há também o problema de não conseguirmos utilizar uma linguagem objetiva para descrever as partes transitivas do fluxo. Por isso, acabamos por utilizar uma linguagem subjetiva quando tentamos relatar o que lá se encontra, tornando difícil a análise psicológica de tais partes. Sendo assim, observamos que nesse momento James introduz o primeiro problema relacionado à



linguagem e à possibilidade de construirmos um saber psicológico relacionado à consciência, assunto que é extensivamente explorando pelo autor ao longo de sua obra.

linguagem; William James; história da psicologia

CAPES

Mestrado - M

HIST - História em Psicologia

O PERSONALISMO CRÍTICO E A PROPOSTA DE PSICOLOGIA CIENTÍFICA DE WILLIAM STERN. *Carolina de Resende Damas Cardoso** (Departamento de Psicologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto) e Marina Massimi (Departamento de Psicologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto)*

William Stern (1871-1938) é geralmente reconhecido na história da psicologia por ter introduzido o termo “Coeficiente de Inteligência” (Q.I) no estudo do desenvolvimento da inteligência infantil, em 1912. Entretanto, o autor ofereceu outras contribuições para a psicologia, tendo advogado a favor da emancipação da mesma em relação à filosofia, porém, ressaltando a interdependência entre ambas. Para Stern, os resultados empíricos alcançados pela psicologia deveriam clarificar temas filosóficos, mas também, a filosofia deveria constituir a base de sustentação da psicologia científica. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi apresentar as formulações filosóficas do autor, inseridas no sistema denominado por ele de Personalismo Crítico, bem como a interdependência de sua psicologia ao mesmo. Assim como diversos autores contemporâneos a ele, Stern preocupava-se, principalmente, com a delimitação epistemológica da psicologia científica formal e institucionalmente inaugurada no final do século XIX. Em especial, ele defendia que o tema referente à definição filosófica do conceito de pessoa, uma das premissas do Personalismo, era crucial para a psicologia científica que, devido às influências do positivismo, havia reduzido o objeto psíquico ou ao desaparecimento, ou à multiplicidade de elementos provenientes das sensações. Ademais, o autor buscava retomar o conceito filosófico de “eu” ou “self”, cujo significado pautava-se na unidade da consciência, levando em consideração a autonomia do mesmo, orientado por objetivos (no sentido teleológico), significado e valores. Stern buscou recuperar, portanto, o conceito de pessoa como sujeito da experiência, sendo esta consciente ou não, mas sempre na medida em que houvesse objetivos em direção a metas, assim como abertura ao mundo circundante. O termo “experiência” (Erleben), por sua vez, diz respeito à relação da pessoa com o mundo, enquanto sujeito que possui sensações, sentimentos e é detentor de capacidades espirituais – o que, para Stern, constituiria a diferença entre pessoas humanas e animais, aspecto que proporciona a abertura ao mundo dos valores. Ele preferia o uso do termo “experiência”, ao uso do termo “consciência”, para diferenciá-lo do sentido em que o último vinha sendo empregado na psicologia – aquele herdado do empirismo filosófico, que considerava a consciência como um aglomerado de estruturas mentais provenientes das sensações. Outra premissa do Personalismo sustentava-se na afirmação de que a base das explicações científicas, da compreensão da vida e do cosmos deveria ser uma metafísica crítica – o que consistia na formulação de uma Weltanschauung (visão de mundo). As considerações de sua filosofia personalista foram elaboradas concomitantemente ao desenvolvimento teórico e metodológico do ramo da psicologia diferencial criada por Stern. Esta linha da psicologia, ao contrário daquelas pautadas pela epistemologia positivista vigente, buscava o estudo das diferenças individuais entre as pessoas – o que vinha de encontro com a concepção personalista de que cada pessoa é um indivíduo, ou seja, um ser portador de qualidades espirituais idiossincráticas. Conclui-se que o resgate deste personagem na história da psicologia é relevante para a psicologia contemporânea, neste momento histórico em que há uma busca por epistemologias mais abrangentes em que sejam superados o naturalismo e o positivismo que fundamentaram as ciências da psique em suas origens.

William Stern, Personalismo Crítico, história da psicologia

FAPESP

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia

O HOMEM EM SUA VAIDADE: ANÁLISE DAS REFLEXÕES DE MATIAS AIRES NA PERSPECTIVA DOS SABERES PSICOLÓGICOS. *Nayara Aparecida Saran*; Marina Massimi (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

O livro *Reflexões sobre a vaidade do homem* escrito em 1752 por Matias Aires possui 163 fragmentos de reflexões que circunscrevem a temática da vaidade para pensar a concepção de homem do século XVIII. Matias Aires foi um filósofo de procedência brasileira que recebeu educação jesuíta e foi fortemente influenciado pelo Iluminismo francês. As reflexões de Aires são consideradas como de fundamental contribuição aos saberes psicológicos desenvolvidos no Brasil a respeito da época colonial. O objetivo da pesquisa se destina a buscar a compreensão da concepção de vaidade na obra de Matias Aires e a maneira como a vaidade condiciona a vida humana na criação de uma imagem de si e na busca de um ideal para a felicidade. O método histórico conceitual sob a perspectiva da História dos Saberes Psicológicos é a base para a leitura, análise, interpretação e escrita da história desta pesquisa, tendo como fonte primária a obra *Reflexões sobre a vaidade dos homens* (1752), de Matias Aires. Na história da cultura ocidental, o tema da vaidade sempre foi abordado como condição inerente do ser humano. A vaidade mobiliza as ações humanas e acaba por determinar hábitos, costumes e valores de uma sociedade. Matias Aires centraliza a vaidade como a responsável por modelar os vícios e virtudes de um Estado, uma sociedade, uma pessoa. Na vaidade pode-se perceber a existência de uma dimensão espiritual, psíquica e corporal que mobiliza a pessoa na busca de uma felicidade plena, da honra e do reconhecimento posterior a sua morte. Assim, a vaidade acaba por ditar um ideal de vida que acompanha as pessoas em suas experiências e é regrada pela temporalidade. Dessa maneira, pode-se dizer que a vaidade interfere no estado psíquico e motiva os pensamentos, emoções e comportamentos desenvolvidos por cada pessoa. Nas reflexões, o filósofo apresenta a vaidade como a paixão da alma intrínseca ao ser humano e que dá origem as demais paixões e acaba por influenciar o homem no uso da razão. A passagem do tempo circunscreve a vida do ser vaidoso, sendo que a concepção de vaidade não pode ser pensada sem a noção de tempo, e neste a maior perspectiva futura que alcança a mente humana é a morte. Trata-se de uma obra que elege a vaidade de forma utópica para discutir ética e moralidade, promovendo no seu leitor o desengano, para isso traz reflexões sobre a concepção de pessoa, relações humanas, desigualdades sociais e o uso da Ciência.

Matias Aires, Vaidade, Paixão da Alma

FAPESP

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

HIST - História em Psicologia

O CURSO CONIMBRICENSE E A SCIENTIA DE ANIMA: PSICOLOGIA FILOSÓFICA EM UM MANUAL ESCOLAR DO SÉC. XVI. *Sandro Rodrigues Gontijo***
(Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)

Marina Massimi (Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)

A partir de meados do século XVI, os padres da Companhia de Jesus, imbuídos do humanismo em sua versão Moderna, partiram do legado de Aristóteles, desenvolvendo o que alguns autores denominam de “Segunda Escolástica” portuguesa a qual foi exposta nos diversos textos da obra coletiva conhecida como *Cursus Conimbricensis*. Este manual escolar de filosofia (comentários às obras aristotélicas) foi redigido pelos professores do Colégio das Artes da Companhia de Jesus em Coimbra, sendo publicado em oito tomos entre 1592 e 1606, e que, posteriormente, foi utilizado para os estudos filosóficos nos colégios da Companhia no restante da Europa, na Ásia e nas Américas de influência luso-espanhola. A obra gozou de grande repercussão no período detectando-se sua influência em autores modernos como Descartes e Leibniz, e ainda eventualmente em Espinosa ou Hobbes. No caso do estudo antropológico e psicológico destaca-se o comentário ao tratado *De Anima* (Sobre a Alma). Buscamos demonstrar de que modo está presente neste manual a área de conhecimento denominada *scientia de anima* (ciência da alma), e que posteriormente veio a ser denominada “psicologia” e que na altura se estendia a várias outras áreas de conhecimento como a medicina, a retórica e suas técnicas de persuasão, a pedagogia, a teologia, dentre outras. Para tal, investigamos o contexto de produção da obra conimbricense e analisamos mais aprofundadamente o comentário ao *De Anima*. Procuramos identificar as apropriações feitas do texto aristotélico sobre a *psyche* e os pontos em que o ator é retomado, superado ou mesmo abandonado. Neste sentido, observamos adesão a Aristóteles ao identificar inicialmente o termo alma como princípio vital e a partir de então construir uma teoria de base orgânico-sensitiva a qual desemboca em uma gnosiologia (teoria do conhecimento) ao juntar a esta base a inteligência (razão), as emoções, e a volição. No entanto, o texto conimbricense se inspira na metafísica, na fisiologia e na medicina da época e aprofunda e repropõe os modos de atuação das potências da alma, como a imaginação, a percepção e a memória, superando Aristóteles. Tornam-se não aristotélicos ao agregarem outros autores – Platão e Agostinho nomeadamente e outras autoridades da tradição – aos comentários para responder as questões coevas (por exemplo: estabelecer uma gnosiologia e uma antropologia pertinente ao espírito da época, uma separação das ciências e suas epistemologias, dar fundamentação filosófica a preceitos inicialmente teológicos) alheias ao Estagirita. Assim, notamos uma sofisticada teoria a tratar da alma (*anima/psyche*) com vincos do Humanismo e da Idade Moderna e que incidem na atualidade ao buscar descrever e sistematizar, a seu modo, conceitos e fenômenos “psicológicos” como memória, imaginação, emoções, inteligência, volição (“motivação”) e percepção, dos quais ainda nos servimos.

Curso Conimbricense, psicologia filosófica, Idade Moderna

FAPESP

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia